

## Ensaio

### Redes Sociais: A Epidemia Zumbi na Era Digital e a Educação

Social Networks: The Zombie Epidemic in the Digital Age and Education

SILVA, Sérgio Eustáquio da<sup>1</sup>

#### Resumo:

Esse ensaio discute o processo de zumbificação e brain rot, relacionados ao processo de domínio das redes sociais e dos dispositivos eletrônicos bem como aponta caminhos para a educação frente a um cenário marcado cada vez pela alienação dos sujeitos frente aos algoritmos das redes sociais que determinam o que cada um de nós, usuários, vai ler, escolhem para nós à quais fontes de informação nós teremos acesso, escolhem as informações que vão ou não chegar até nós moldando a interação entre usuários, plataformas e nossa experiência nas redes sociais e na mídia em geral. Nesse cenário, a educação deve assumir um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, capazes de discernir entre o verdadeiro e o falso, de questionar informações tendenciosas e de participar ativamente do debate público de forma responsável e ética.

**Palavras chave:** redes sociais, zumbificação, brain rot, educação

#### Abstract:

This essay discusses the process of zombification and brain rot, related to the process of domination of social networks and electronic devices, and points out paths for education in a scenario increasingly marked by the alienation of subjects in the face of social network algorithms that determine what each of us, users, will read, choose for us which sources of information we will have access to, choose the information that will or will not reach us, shaping the interaction between users, platforms and our experience on social networks and the media in general. In this scenario, education must assume a fundamental role in the formation of critical citizens, capable of discerning between truth and falsehood, of questioning biased information and of actively participating in public debate in a responsible and ethical manner.

**Keywords:** *social networks, zombification, brain rot, education*

#### Introdução

Em uma era dominada pelas telas cintilantes dos dispositivos eletrônico e pelo louco frenesi das notificações incessantes, passamos, em média, 56,6% do nosso tempo acordados conectados em frente à uma tela de dispositivo eletrônico (Electronics Hubs, 2024), uma grande parte desse tempo em redes sociais, um número que nos faz questionar se estamos usando a tecnologia ou se a tecnologia está nos usando.

As redes sociais, com sua promessa de conexão e informação, transformaram-se em um campo fértil

---

<sup>1</sup> Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Especialista em História Moderna e Contemporânea; Professor de História da Rede Municipal de Belo Horizonte - RME-BH. Atualmente é gestor Educacional na Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED - BH. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5477897831495678>.

para a zumbificação digital, que pode ser descrita por um estado de passividade, dependência e alienação, onde o indivíduo se torna um mero consumidor daquilo que os algoritmos dessas redes sociais lhes impõem, escolhendo e selecionando aquilo que vai chegar de “*informação*” para cada indivíduo. Esse estado de passividade, dependência e alienação, manifestado no uso das redes sociais através do consumo acrítico de informações, muitas vezes mentiras, meias verdades, fake news e desinformação que se espalha e é difundida na busca incessante por validação externa, seja na forma da virilização, das curtidas e likes ou da enxurrada de comentários que produz engajamento e popularidade nas redes sociais.

A Oxford University Press (Revista Forbes, 2024) anunciou, em dezembro de 2024, sua palavra do ano: “*brain rot*”, que, em tradução literal, pode ser entendida como *cérebro podre*, uma das consequências do processo de zumbificação.

As redes sociais, definidas como plataformas digitais que permitem a conexão e interação entre indivíduos, grupos e organizações, revolucionaram a forma como nos comunicamos, consumimos informação e nos relacionamos com o mundo. Seus principais atores, os usuários, as plataformas e os algoritmos, estabelecem uma dinâmica complexa mas nem sempre transparente. Os usuários, atraídos pela promessa de conexão e pertencimento, alimentam as plataformas com seus dados e interações, enquanto os algoritmos, otimizados para o engajamento, moldam e definem o conteúdo que consumimos, criando bolhas informacionais e reforçando vieses cognitivos com narrativas únicas e sem discussão reflexiva.

Assim, a aparente democracia digital da internet acaba escondendo um lado sombrio.

O termo “*brain rot*” por sua vez refere-se ao declínio das capacidades mentais ou intelectuais de uma pessoa devido ao tempo excessivo de consumo de conteúdos, especialmente online, o que começa a ser provado por cientistas em todo o mundo (Revista Forbes, 2024).

A expressão ficou famosa nas redes sociais e passou a ser utilizada para descrever o impacto de atividades repetitivas, seja rolando infinitamente o feed do TikTok, assistindo vídeos curtos e sem contexto, ou se perdendo em notícias sensacionalistas, de forma passiva, acrítica e sem julgamento reflexivo mas muitas vezes tomado como realidade e verdade.

As redes sociais são plataformas online que possibilitam a criação e manutenção de conexões entre indivíduos, grupos e organizações. Esses espaços digitais oferecem um ambiente para compartilhar conteúdo, ideias, opiniões e experiências, promovendo a interação e o debate. Sejam elas generalistas, como Facebook e Twitter, ou de nicho, como LinkedIn e Instagram, as redes sociais se adaptam a diferentes propósitos e públicos.

O funcionamento das redes sociais é intrincado e dinâmico, impulsionado por uma série de elementos interconectados. No cerne dessas plataformas, encontramos os usuários, os indivíduos que criam perfis, compartilham conteúdo e interagem uns com os outros. Os usuários são a força motriz das redes sociais, não só alimentando o fluxo constante de informações e opiniões mas disseminando os conteúdos, engajando pessoas, instituições, posições políticas, visões de mundo, valores sociais e ideologias.

As plataformas, por sua vez, são os espaços digitais que abrigam as redes sociais. Essas estruturas fornecem a infraestrutura, as ferramentas e os recursos necessários para que os usuários se conectem e interajam. As plataformas são responsáveis por garantir a segurança, a funcionalidade e a acessibilidade das redes sociais.

Os algoritmos são os mecanismos que organizam e filtram o conteúdo exibido aos usuários. Eles analisam o comportamento, os interesses e as conexões de cada indivíduo para determinar quais informações são mais relevantes e personalizadas. Os algoritmos influenciam o que vemos, com quem interagimos e quais informações são priorizadas, quais informações são descartadas e as pessoas que vão aparecer para nós em nossos feeds, por exemplo.

A interação entre usuários, plataformas e algoritmos molda a experiência nas redes sociais.

Os usuários compartilham conteúdo, expressam suas opiniões e interagem uns com os outros, alimentando o fluxo de informações. As plataformas fornecem o ambiente e as ferramentas para essa interação, enquanto os algoritmos influenciam o que é visto, por quem é visto e com quem os usuários vão interagir.

Esse conjunto tríplice de atores gera um ecossistema de informação, compartilhamento e interações complexo e dinâmico, com implicações significativas para a sociedade e sobretudo para a educação das gerações mais jovens e futuras.

As redes sociais podem ser utilizadas para diversos fins, desde a comunicação pessoal até a mobilização social, o ativismo político e a promoção de marcas e produtos, mas também para disseminar mentiras, fake news e desinformação.

### **Desinformação: O Vírus zumbi**

Na era digital, onde a informação flui de forma incessante através das redes sociais, um novo tipo de vírus se prolifera, contaminando mentes e moldando a realidade: a desinformação.

Impulsionada por algoritmos que “conhecem” os usuários a partir do seu perfil, gostos, interesses, histórico e rede de interações, as redes sociais determinam a velocidade do compartilhamento online, fazendo a mentira e as fake news se alastrarem como um incêndio, consumindo a verdade e deixando um rastro de dúvidas, polarização e descrença, movidas à desinformação.

As redes sociais, inicialmente concebidas como ferramentas de conexão e comunicação, paradoxalmente se tornaram um terreno fértil para a disseminação de mentiras, fake news e informações distorcidas. A natureza algorítmica dessas plataformas, projetada para maximizar o engajamento, muitas vezes prioriza o conteúdo mais sensacionalista e viral, independentemente de sua veracidade. Assim, informações falsas, revestidas de roupagens chamativas e emocionais ou em formato de memes<sup>2</sup> ganham destaque, enquanto informações precisas e verificadas são relegadas a segundo plano.

A velocidade com que a desinformação se espalha nas redes sociais é alarmante. Um estudo publicado na Revista Science (Vosoughi, Roy e Aral, 2018) revelaram que notícias falsas se propagam até seis vezes mais rápido que notícias verdadeiras no Twitter. Essa velocidade, combinada com a natureza anônima e descentralizada da internet, torna difícil rastrear a origem e a autoria das informações, dificultando a identificação e a correção de conteúdos falsos.

Além disso, as redes sociais fomentam a criação de bolhas informacionais, onde os usuários são expostos apenas às informações que confirmam suas ideias, crença, ideologia, preconceitos e visão de mundo, sem discutir com o contraditório, sem ter que dialogar com posições contrárias. Essa

---

<sup>2</sup> Memes são mensagens humorísticas que circulam na internet, podendo ser textos, imagens, vídeos, comportamentos, desafios ou memórias compartilhadas. Eles são um fenômeno de comunicação que pode viralizar e está relacionado com diversos aspectos da vida, como política, economia, cotidiano e vida pessoal.

exposição seletiva à informação reforça a polarização e a intolerância, dificultando o diálogo e o entendimento entre diferentes perspectivas, torna as pessoas radicais e que muitas vezes apelam para atitudes violentas, seja no discurso ou nas práticas sociais quando não conseguem fazer prevalecer suas visões de mundo e suas opiniões.

A desinformação, impulsionada pelas redes sociais e potencializada por recursos cada vez mais sofisticados como *deepfakes* e *shallowfakes*, podem ser comparadas a um vírus zumbi, infectando mentes e corações e transformando indivíduos em disseminadores de falsidades, discursos de ódio e mentiras.

A *deepfake* pode ser definida como uma técnica que na maioria das vezes utiliza inteligência artificial para substituir o rosto de uma pessoa em mídias de vídeo ou fotos. Apesar dos nomes parecidos, as técnicas para espalhar mentiras se diferem em alguns aspectos. A mais comum de ser encontrada pelas redes sociais é a *shallowfake* — numa tradução para o português “raso e falso”. Refere-se a um vídeo editado e retirado fora do contexto, sem utilizar softwares para modificar rostos e vozes, o famoso “corte” muito utilizado por políticos e *influencers* digitais.

As *deepfake* que necessitam de softwares mais sofisticados, que muitas vezes não estão acessíveis a maior parte dos usuários, alguns dos quais utilizam técnicas de “aprendizagem de máquina” (*machine learning*), que “estimulam” o programa a reconhecer a voz da pessoa alvo da montagem, até que esteja imperceptível a edição e modificação do vídeo.

As *shallowfake* são mais comuns do que pensamos porque é mais acessível ao usuário que utiliza ferramentas básicas de edição para poder alcançar essa manipulação. Muitas vezes esses aplicativos conseguem ser baixados das lojas, tanto Android como IOS. Manipulações que parecem inofensivas como o uso de filtros, amplamente disponíveis em qualquer aparelho celular, tablet ou computador já é uma técnica de *shallowfake* porque já transforma uma imagem e a faz parecer outra, manipulando a luz, o brilho, contraste, nitidez e outros componentes da imagem real, ou seja alterando a própria realidade.

Os usuários, sem perceberem, passam a compartilhar e propagar informações falsas produzidos por *deepfake* ou “cortes” descontextualizados, contaminando outras pessoas e perpetuando o ciclo do processo de zumbificação, em que as pessoas passam simplesmente a repetir pequenas mensagens,

muitas vezes formadas por uma imagem e uma frase de efeito, descontextualizadas das realidades, sem links com outros componentes do tecido social, sem aprofundamento reflexivo e discussão, acabando por formar uma massa de manobra com comportamento de manada que pode ser facilmente guiada em momentos críticos como processos eleitorais, por exemplo.

Os cortes têm sido amplamente utilizados em sites de políticos que recortam falas e fatos descontextualizados e constroem narrativas que podem ser falsas, distorcidas ou tendenciosas, usando esses cortes.

O vírus zumbi da desinformação se alimenta da polarização, do medo e da ignorância, criando um ambiente de desconfiança e descrença generalizada, muitas vezes negando a ciência, como o movimento terraplanista, o movimento antivacina, e também pregando valores “tradicionais” e muito senso comum que na verdade expressam preconceitos tais como o racismo, xenofobismo, anticlimatismo, homofobia, aporofobia, transfobia e outros movimentos contra a diversidade e a pluralidade. A verdade se torna relativa, e a realidade se fragmenta em múltiplas versões, cada uma moldada pelos interesses de quem a controla.

### **A Monetização da mentira e a zumbificação**

Um dos aspectos mais preocupantes da zumbificação é a monetização da mentira, ou seja, a mentira se tornou um negócio lucrativo, impulsionado pelas redes sociais. *Fake news* e informações falsas são utilizadas para gerar cliques, engajamento e, conseqüentemente, receita para as plataformas e para os disseminadores de conteúdo falso.

As redes sociais, através de seus algoritmos, premiam o conteúdo que gera mais interação, independentemente de sua veracidade. Assim, informações falsas, por serem mais apelativas e sensacionalistas, acabam ganhando destaque e atraindo um grande número de usuários. Essa interação se traduz em receita para as plataformas, que lucram com a exibição de anúncios e com a coleta de dados dos usuários.

Os disseminadores de conteúdo falso também se beneficiam da monetização da mentira. Eles criam sites e perfis, produzem notícias e informações falsas e as espalham pelas redes sociais, com o objetivo de gerar cliques e atrair usuários. Essa audiência é monetizada através da venda de anúncios, de

produtos ou de serviços, ou até mesmo através da participação em programas de afiliados.

A monetização da mentira cria um ciclo vicioso que impulsiona a zumbificação, onde a desinformação é incentivada e recompensada (*likes*, curtidas, engajamento, fama nas redes, visualizações...). As redes sociais e os disseminadores de conteúdo falso lucram com a propagação de mentiras, enquanto a sociedade é prejudicada pela desinformação e pela polarização.

A desinformação, propagada pelas redes sociais, afeta profundamente as relações sociais e políticas. No âmbito social, a desinformação mina a confiança nas instituições, nos meios de comunicação e nos especialistas, nos governos, nos políticos, etc. corroendo o tecido social e dificultando a construção de consensos. No âmbito político, a desinformação pode influenciar eleições, manipular a opinião pública e até mesmo incitar a violência e o extremismo, polarizando e radicalizando a sociedade a partir de informações falsas, discursos de ódio que dividem e inflamam a sociedade, disseminando informações falsas e o discurso de ódio que inflamam paixões e dividem a sociedade em bolhas ideológicas polarizadas.

### **“Brain rot” ou os cérebros apodrecidos**

O conceito de *brain rot*, em tradução para o português cérebro apodrecido, reflete uma crescente preocupação global em como nosso estilo de vida moderno — marcado pela dependência dos dispositivos eletrônicos e pela rolagem infinita das telas está impactando nosso bem-estar mental. O termo pode soar como um meme, mas destaca um desafio psicológico muito real. Para crianças e adolescentes é bem estudado a relação entre depressão, uso de redes sociais e podridão cerebral que se traduz em um estado de sobrecarga cognitiva, fadiga mental e foco de atenção diminuído, uma condição que se tornou cada vez mais comum em nosso mundo hiperconectado. Se não for tratada, pode comprometer a criatividade, a produtividade e a saúde mental a longo prazo (Junior et al, 2022).

Já sabemos hoje que a “podridão cerebral” está profundamente conectada à sobrecarga de dopamina, onde o sistema de recompensa do cérebro se torna dessensibilizado pela estimulação constante. A mídia social, em particular, treina nossos cérebros para desejar gratificação instantânea, fazendo com que tarefas mais lentas e trabalhosas pareçam pouco recompensadoras levando o cérebro a ficar viciado nesse sistema de recompensa, comportando-se da mesma forma que uma droga (Volkow; Michaelides; Baler, 2019).

O uso de plataformas como Facebook, Instagram, TikTok, dentre outras do tipo, pode levar à ansiedade, depressão e baixa autoestima. Crianças, adolescentes e até mesmo adultos são envergonhados online e comparam suas vidas com as narrativas criadas e editadas por outros nos fazem parecer inferiores. Também necessidade de estar “sempre disponível” online exacerba esse efeito, dificultando a desconexão e aumentando os níveis de estresse e ansiedade, bem como o excesso de notícias e informação nos tem levado à fadiga e ao cansaço informacional afetando nossa visão sobre o mundo e a realidade, comprometendo nossa produtividade e engajamento em tarefas cotidianas, além de produzir ansiedade, depressão e senso de inferioridade quando nos comparamos aos outros nas redes sociais (Forbes, 2024).

### **Zumbificação, *brain rot* e os desafios para a educação**

Em tempos de informação incessante e superficial, a sociedade parece caminhar para um estado de "zumbificação", em que a passividade, a desinformação, as toneladas de memes, posts, mensagens, reportagens e comentários em detrimento de processos de criação, pensamento e reflexão tem sido o comportamento social predominante na relação com a informação. Essas redes de desinformação e mentiras não são aleatórias. Elas são construídas com finalidades políticas muito bem definidas, da manipulação e construção de realidades paralelas a partir de intrincados processos de engenharia para provocar o caos, o ódio e a manipulação política a partir de algoritmos que capturam os usuários de forma personalizada, de acordo com seus interesses e que ficam dentro da mesma bolha de coesão (Empoli, 2020).

O *brain rot* (cérebro apodrecido), um estado cerebral que torna o cérebro viciado em recompensas tais como comentários positivos, curtidas, replicação do seu conteúdo, monetização de conteúdo, tem levado nossos cérebros a liberar a dopamina, um hormônio que atua no ciclo de recompensa com reflexos no nosso humor o pode viciar o cérebro em gratificação instantânea. Prova disso tem sido os sintomas de síndrome de abstinência, facilmente observável quando nos afastamos dos nossos dispositivos.

Para que essas recompensas sejam rápidas os conteúdos têm que ser simples, rápido, com textos curtos, daí que se popularizou o formato de posts, nas redes sociais, normalmente formados por uma frase curta e uma imagem que tanto vicia os usuários. Agora os aplicativos já rodam os vídeos em velocidades aceleradas, à escolha do usuário porque já não temos paciência (capacidade) de ver e

ouvir um vídeo de 10, 15 minutos por exemplo, o qual já nos extenua e exaure.

A velocidade com que esses conteúdos se propagam, em vez de promover reflexão e aprendizado profundo, gera superficialidade, desgaste mental quando se tem que pensar, dificuldade de concentração e capacidade de manter o foco em tarefas complexas e significativas. Estudo da *Kaspersky* aponta que 3 em 4 latinos sentem-se saturados de informações nos últimos 12 meses (*Kaspersky*, 2021).

A falta de pensamento crítico e a crença em informações falsas são sintomas dessa era, onde a educação se torna a principal arma para combater essa tendência. Não à toa, a escola, os livros, os professores e a escola tem sido tão combatidos pelas classes sociais, corporações, políticos, governos que se beneficiam desse estado de desinformação e podridão cerebral que acomete a sociedade tornando a educação, hoje, um dos espaços de disputa ideológica mais acirradas da atualidade.

Não à toa também, empresários globais como Elon Musk correrem para terem suas próprias redes sociais. No cenário descrito acima, de zumbificação e apodrecimento cerebral, deter o monopólio de uma rede de comunicação global como o X (antigo Twitter), Facebook, Instagram, TikTok, significa controlar os algoritmos que influenciam o que vemos, o que lemos, as notícias que chegam até nós, as opiniões que chegam a nós e influenciar milhões de pessoas ao mesmo tempo. Imaginem o poder que isso representa. Fica fácil compreender como um governo poderoso como o dos EUA, com a eleição do Trump, colocou uma pessoa privada, Elon Musk, dono do X vai comandar um departamento não oficial (DOGE) que dará conselhos ao governo sobre onde cortar gastos e desregularizar vários setores.

Ainda é fresco na nossa lembrança o chamado escândalo da Cambridge Analytics que usou informações privilegiadas de mais de 50 milhões de usuários, sem consentimento dos mesmos para fazer propaganda política do Facebook sofreu um forte abalo no último sábado com a revelação de que as informações de mais de 50 milhões de pessoas foram utilizadas sem o consentimento delas pela empresa americana Cambridge Analytica para fazer propaganda política na eleição americana de 2016 e na votação do Brexit, o referendo sobre a saída ou permanência do Reino Unido da União Europeia com 52% dos votos válidos contra 48% daqueles que queriam que a nação permanecesse na UE.

## O papel da educação

Se considerarmos o que consta na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), a escola possui a função social de formar cidadãos. Segundo o artigo 22:

“A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (Brasil, 1996).

No cenário descrito acima, caracterizado pela onipresença das redes sociais e sistemas de informação, que moldam a maneira como as pessoas se comunicam, consomem informação e se relacionam com o mundo, a educação assume um papel crucial, atuando de forma libertadora dando voz e protagonismo aos alunos e ajudando na formação de pessoas (cidadãos) críticos e reflexivos, éticos e capazes de transitar por esse emaranhado de (des)informação.

Características da educação libertadora como a valorização da participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, a incorporação da dialética na prática educativa e na vida dos alunos, estimulação aos alunos de questionar a realidade e buscar explicação para as coisas, a famosa leitura de mundo, da qual Paulo Freire sempre falou em suas obras, as práticas dialógicas em que a discussão, a conversa, a troca de ideias que empodera os alunos no exercício de práticas reflexivas, filosóficas e questionadoras da sociedade, certamente podem contribuir para formar gerações mais conscientes e capazes de se movimentarem por esse emaranhado de informações, notícias e conhecimento, mas ao mesmo tempo de mentiras, desinformação e fake news, disponíveis a um simples toque numa tela de dispositivo eletrônico que cabe no bolso das nossas calças e do qual não desgrudamos o dia inteiro.

De uma forma rápida, para esse ensaio, apresentamos abaixo quatro habilidades que julgamos essenciais para a educação libertadora e que forme cidadãos capazes de transitar e se mover em meio ao turbilhão informacional em que estamos inseridos e cujas consequências já exploramos acima:

- 1) **Pensamento crítico:** Reflete a capacidade de analisar informações de forma crítica e reflexiva, questionando fontes, verificando a veracidade dos fatos e identificando vieses e manipulações. Essa habilidade vai permitir aos cidadãos identificar informações falsas, questionar narrativas tendenciosas e formar suas próprias opiniões de forma consciente.
- 2) **Letramento digital:** Letramento digital é a competência de usar a leitura e escrita aliadas às novas tecnologias. Se por um lado o letramento tradicional conduz à capacidade de ler e escrever, o letramento digital traz essa educação aplicada aos ambientes digitais. O letramento

digital surgiu com a necessidade dos indivíduos se adaptarem aos novos recursos tecnológicos e seu principal objetivo é a inclusão digital, social e a democratização do acesso às tecnologias de informação e comunicação. O letramento digital deve ainda ser capaz de formar os indivíduos para utilizar as tecnologias digitais de forma crítica e segura, evitando riscos como golpes, fraudes e manipulação online, e disseminação de notícias falsas, mentiras, anticiência, negacionismo, *fake news*, por exemplo.

- 3) Educação midiática: Diz respeito à capacidade de interpretar e avaliar criticamente as mensagens disseminadas pelas mídias sociais, reconhecendo diferentes formatos e linguagens, e compreendendo o papel da mídia na construção da realidade social, conhecer como funcionam os algoritmos das redes sociais, ser capaz de pesquisar para construir seu próprio conhecimento, conseguir averiguar fatos e distinguir fatos de *fakes* e desinformação. A educação midiática deve permitir aos cidadãos compreender como as informações são produzidas e veiculadas nas mídias, desenvolvendo senso crítico em relação ao conteúdo consumido.
- 4) Consciência ética: Ser capaz de compreender os impactos sociais e éticos do uso das tecnologias digitais de forma a promover o respeito à diversidade, a responsabilidade individual e o combate à desinformação, discurso de ódio, preconceito, racismo, sexismo, homofobia, transfobia, machismo, etc. O desenvolvimento da consciência crítica, reflexiva, deve promover o uso ético e responsável das tecnologias digitais, incentivando o respeito, empatia e a construção de ambientes diversos, positivos e inclusivos.

Nesse sentido, vale destacar algumas iniciativas e projetos educativos de formação midiática que merecem destaque:

- EducaMídia: programa que visa promover a educação midiática em escolas e comunidades, oferecendo recursos pedagógicos, formação de professores e atividades para estudantes. (Site: <https://educamidia.org.br/>)
- Projeto Luz Negra: desenvolve trabalhos de jornalismo e educação antirracista em escolas da Paraíba, utilizando a linguagem fotográfica para promover debates sobre a cultura afro. (Site: <https://www.coletivof8.com/luznegra>)
- Vaza, Falsiane: curso online que utiliza memes, vídeos e linguagem jovem para ensinar sobre notícias falsas e desinformação, ajudando as pessoas a identificar e evitar a propagação de conteúdo enganoso. (Site: <https://vazafalsiane.com/>)

- Campanhas de conscientização: iniciativas como o projeto de lei que institui a Campanha Permanente para o Uso Consciente de Tecnologias Digitais, com foco na prevenção de crimes cibernéticos e na promoção da cidadania digital.
- Surgimento de plataformas de verificação e checagem de fatos: Dentre estas se destacam agências como Agência Lupa (Site: <https://lupa.uol.com.br/>); Aos Fatos (<https://www.aosfatos.org/>); Fato ou Fake (Site: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>); Comprova (<https://projeto comprova.com.br/>), dentre as mais importantes.

### **Considerações Finais**

Em uma sociedade cada vez mais dependente das redes sociais e sistemas de informação, a educação se torna um instrumento essencial para a construção de um futuro mais justo, democrático e informado. Ao promover o pensamento crítico, o letramento digital e a educação midiática, a educação empodera os cidadãos para que se tornem agentes de transformação social, capazes de navegar criticamente no mundo digital, combater a desinformação e construir uma sociedade mais consciente e responsável.

A proliferação de informações falsas e o uso político das redes sociais representam sérias ameaças à democracia e à coesão social. Diante desse cenário, a educação assume um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, capazes de discernir entre o verdadeiro e o falso, de questionar informações tendenciosas e de participar ativamente do debate público de forma responsável e ética. É importante destacar que a educação não se limita ao ambiente escolar. A família, a comunidade e as instituições sociais também têm um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Por último, chamo a atenção para a necessidade de se refletir socialmente sobre as diferentes abordagens educacionais e seus impactos na disseminação de notícias falsas. Escolas que priorizam a instrução em detrimento da reflexão crítica podem contribuir para a formação de cidadãos mais suscetíveis à manipulação e à desinformação.

Por outro lado, modelos educativos mais abertos, plurais, dialógicos, participativos que incentivam o questionamento, o protagonismo do educando, o debate e a construção do conhecimento de forma colaborativa são essenciais para formar cidadãos capazes de analisar criticamente as informações e

de agir de forma mais consciente no mundo marcado pelas redes sociais e pela mídia e sua influência em nossa vida.

## Referências

Electronics Hubs. Site (2024) **The Average Screen Time and Usage by Country.** <https://www.electronicshub.org/the-average-screen-time-and-usage-by-country/> (Acesso em 13/2/2025)

Forbes. Revista (2024). **“Brain Rot”: Palavra do Ano do Oxford Define Nosso Tempo Focado nas Telas.** <https://forbes.com.br/carreira/2024/12/palavra-do-ano-de-oxford-brain-rot-define-nosso-tempo-focado-nas-telas/> (Acesso em 13/2/2025)

Vosoughi, S; Roy D.; Aral, S. (2018) **The spread of true and false news online.** Science. n. 359. [https://www.science.org/doi/suppl/10.1126/science.aap9559/suppl\\_file/aap9559\\_vosoughi\\_sm.pdf](https://www.science.org/doi/suppl/10.1126/science.aap9559/suppl_file/aap9559_vosoughi_sm.pdf) (Acesso em 13/2/24)

Junior, E. S. de S., Melo, J. A. B. de, Silva, A. P. da, Silva, T. de A., Chaves, A. P. de C., Souza, A. F. de, Júnior, J. de S. G., & Santana, S. do N. (2022). **Depressão entre adolescentes que usam frequentemente as redes sociais: uma revisão da literatura** / Depression among adolescents who frequently use social networks: a literature review. *Brazilian Journal of Development*, 8(3), 18838–18851.

Nora, D. V.; Michaelides, M.; Baler, R. (2019) **The Neuroscience of Drug Reward and Addic-tion.** *Physiol Rev* 99: 2115–2140, 2019. Published September, 11. <https://journals.physiology.org/doi/epdf/10.1152/physrev.00014.2018>.

Empoli, G. (2020). **Os engenheiros do caos.** Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio

kaspersky, Site (2021) . **A infodemia e os impactos na vida digital.** <https://www.kaspersky.com.br/blog/pesquisa-infodemia-impactos-vida-digital/17467/>

Portal G1 (Site). **Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades.** <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml> (Acesso em 24/2/2025).

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura (1996). **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) (Acesso em 15/3/2025).

